

**Mano descobre
a confiança**

Esta edição possui os mesmos textos ficcionais da edição anterior, publicada pela editora SENAC São Paulo.

Mano descobre a confiança

© Heloisa Prieto e Gilberto Dimenstein, 2001

Gerente editorial Claudia Morales

Editor Fabricio Waltrick

Editora assistente Thaise Costa Macêdo

Diagramadora Thatiana Kalaes

Estagiária (texto) Raquel Nakasone

Estagiário (arte) Daniel Argento

Assessoria técnica Dr. Paulo V. Bloise

Preparadora Lilian Jenkino

Coordenadora de revisão Ivany Picasso Batista

Revisoras Cátia de Almeida, Eliana Pinheiro Bighetti e Ivone P. B. Groenitz

Projeto gráfico Sílvia Ribeiro

Assistente de design Marilisa von Schmaedel

Coordenadora de arte Soraia Scarpa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P949m

2.ed.

Prieto, Heloisa, 1954-

Mano descobre a confiança / Heloisa Prieto, Gilberto Dimenstein ; ilustrações Maria Eugênia. - 2.ed. - São Paulo : Ática, 2011.

48p. : il. - (Mano : cidadão-aprendiz)

ISBN 978-85-08-14679-6

1. Morte - Literatura infantojuvenil. 2. Luto - Literatura infantojuvenil. 3. Literatura infantojuvenil. 4. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Dimenstein, Gilberto, 1956-. II. Eugênia, Maria, 1963-. III. Título. IV. Série.

11-2171.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 14679-6

Código da obra CL 737974

CAE: 264750

2018

2ª edição | 3ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2011

Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Mano descobre a confiança

**Heloisa Prieto
Gilberto Dimenstein**

Ilustrações: Maria Eugênia

Segunda-feira, 19 horas.

São Paulo.

Trânsito parado na rua da Consolação.

Cara, se tem uma coisa que eu detesto é trânsito.

Mas pior que trânsito é ficar dentro do carro com um avô totalmente irado, alucinado, chutando o balde, aos berros, na direção.

– *Eu vou jogar uma bomba nesse sinal quebrado! Onde já se viu? Eu vou processar o prefeito! Mano, me dê aí o celular. Quero ligar pro jornal e fazer uma denúncia!*

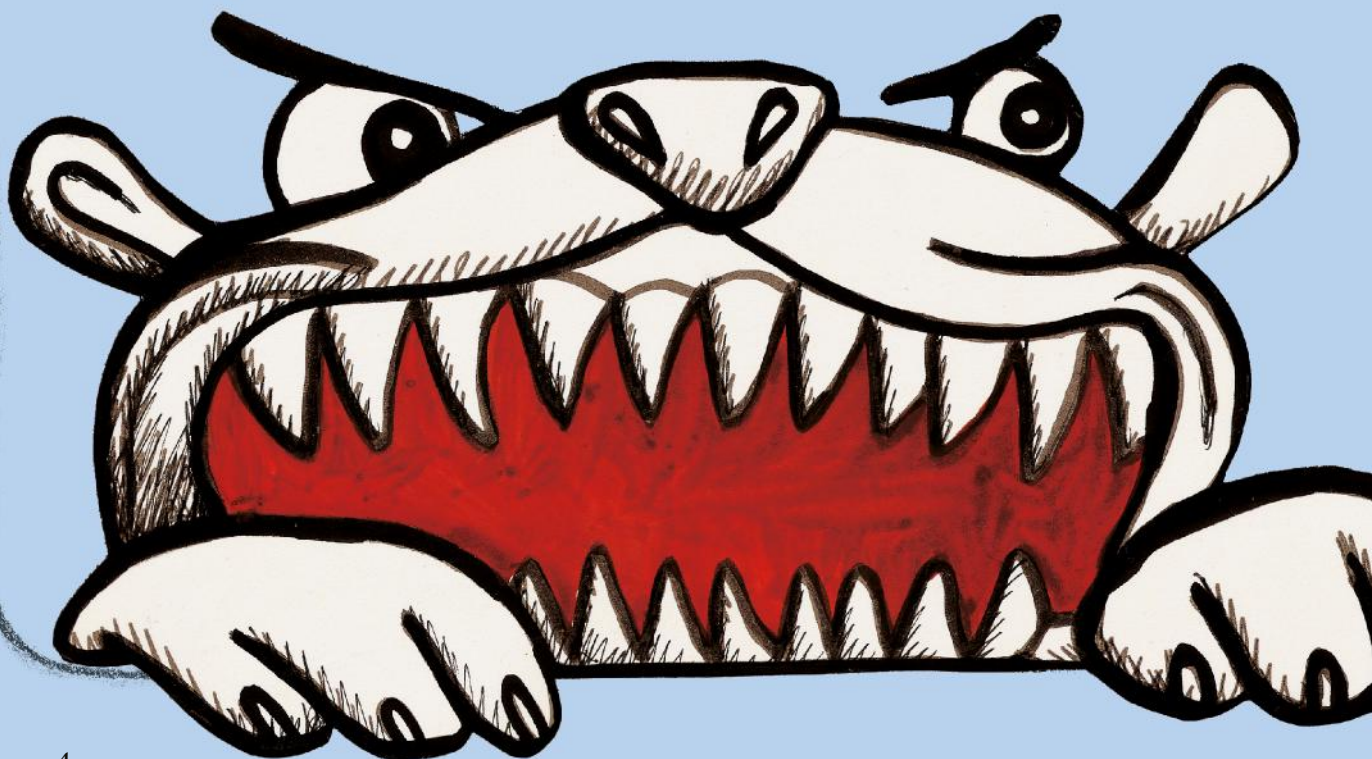
Enquanto eu enrolava, dizendo que o celular estava sem crédito, meu avô bufava, dava murros na direção, aumentava o som do rádio, acelerava e xingava – tudo ao mesmo tempo. No banco de trás, Oscar, meu melhor amigo, enfiou o boné na cabeça, fechou os olhos, ligou o MP3 player, piscou pra mim e fez sinal pra que eu fizesse a mesma coisa.

De repente, uma picape atravessa o sinal vermelho, faz um cavalo de pau no meio daquele trânsito todo, avança em direção ao nosso carro, tira uma fina e fecha a passagem de meio mundo.

– *Ah, mas eu vou acabar com esse maluco barbeiro! Acabo mesmo! Juro por tudo quanto é sagrado, quer dizer, por tudo em que eu nem mesmo acredito, mas que eu dou uma lição nesse metido, ah, eu dou mesmo!*

– *O que é isso, vô? Para de gritar! Não tá vendo que tem um pit-bull no carro desses caras?*

– *É, seu Hermano, é melhor o senhor parar de buzinar. Olha só que o motorista é um desses gigantes de academia. Olha lá o músculo do cara, olha lá a tatuagem! Tô achando que a gente pode se dar mal!*



Mesmo já bem doente, meu avô era sempre assim: bastava entrar no carro pra baixar um Hulk nele. Até mesmo nessa última noite juntos, foi do jeito de sempre: trânsito parado, meu avô buzinando feito um louco, gritando metade em português, metade em espanhol, 77 anos de ira engarrafada.

– *Moleque sem educação! Pode soltar esse seu cachorrão que eu faço picadinho dele!!!*

Meu avô gritava e metia a mão na buzina. O Oscar devorou o pacote de batatinha frita num minuto e já começava a abrir o segundo pacote quando o amigo grandão do cara com pit-bull olhou pra mim e gritou:

– *Prende o velho louco na coleira, meu!*

Meu avô abriu a porta do carro.

– *Ah, é? O velho aqui tá louco é pra te dar uma lição!*

– *Vô, o senhor pirou? Os caras vão te surrar!*

Meu avô virou o corpo para sair do carro.

Os caras da frente abriram a porta e soltaram o pit-bull.

O Oscar agarrou na camisa do meu avô pra prendê-lo sentado, enquanto eu fechava rapidinho a porta, a buzina estourava, o cachorro latia sem parar, a boca aberta babando na janela do nosso carro. O dono do pit-bull aumentou o som da picape, bate-estaca no meio da avenida. Olhei pro lado: carro de polícia chegando. Ai, caramba, vão achar que meu avô é um velho demente! Sirene de ambulância, sirene de polícia, trânsito, muito trânsito, umas garotas rindo da gente no carro de trás. Acenei pra elas pelo retrovisor e ri um pouco pra aliviar, mas bom mesmo foi quando abriu o sinal, meu avô acelerou, a gente conseguiu escapar até aterrizar no bairro do Bixiga, onde toda a turma do VG ia se reunir pra comer uma boa macarronada.

Promessa de Houdini

VG significa Vovôs Grafiteiros.

No começo do movimento, o grupo era formado por meu avô e seus amigos pintores. Tinha o Lúcio, que pintava no estilo do **Miró** e que ficou amigo do meu avô quando foi preso com ele na ditadura; tinha a Fátima, que pintava mais do jeito da **Tarsila do Amaral** e que também passou pela prisão com os dois; mais um senhor francês, bem maluco, sempre de boininha, e um outro espanhol irado de bigode comprido, tipo **Salvador Dalí**. Mas logo a galera da rua foi se unindo aos vovôs e formando uma rede grande de grafiteiros, que sempre assinavam VG, mesmo aqueles que tinham 18 anos, como eu.

Quando os VG já tinham mais de quarenta pintores, meu avô resolveu transformar tudo numa ONG. Meu irmão Pedro e a namorada dele, a Anna, são os líderes do VG. Hoje em dia estão tão famosos que vieram artistas de Nova York pra conhecer o trabalho deles. A ONG fica num galpão, perto de um beco, no bairro da Vila Madalena, e eles dão aulas de pintura e história da arte pra quem quiser aprender. Aparece de tudo por lá: crianças pequenas, velhinhos aposentados, artistas alternativos, gente que está passando, faz só uma pintura e nunca mais volta, gente que vem lá da Praça da República pra aprender novas técnicas. É muito legal. Sempre que eu posso, ajudo também.

Naquela noite de segunda-feira, Oscar e eu sentamos ao lado do meu avô na mesa comprida, coberta com toalha xadrez, pra encher a cara de capelete, que eu adoro.

O jantar era pra comemorar, porque meu avô tinha sido hospitalizado e agora já estava em casa de novo. Ele sofria de câncer, e o médico implorava pra que ele fizesse repouso. Impossível. Repouso era palavra proibida pro meu avô.

– *Que bom vê-lo tão alegre, Hermano* – disse a Fátima logo que meu avô se sentou à mesa.

– *Descanso é pra quem já tá no cemitério, minha querida* – respondeu o meu avô, enchendo o copo da Fátima de vinho.

– *O que é isso, Hermano? Você nunca gostou de piada de cemitério* – comentou o Lúcio.

– *Melhor ir me acostumando, porque daqui a pouco meu endereço será lá!*

– *Sempre cínico, sempre cético* – disse a Fátima, rindo.

Foi nessa hora que, do nada, meu avô me perguntou, na lata:

– *Mano, você acredita em vida após a morte?*

– *Sei lá, vô! Nunca parei muito pra pensar nisso!*

A mesa inteira foi ficando quieta pra ouvir a nossa conversa.

– *Eu, Hermano Santiago, jornalista, espanhol radicado no Brasil, pintor e pacifista, acredito, como o grande escritor **Hemingway**, que a morte valoriza a vida.*